

## Porque fazer Congresso?

Jorge Sesarino

Uma Escola de psicanálise não pode ser endogâmica. Deve estar aberta a interlocuções diversas. Aqueles que se reconhecem no legado de Freud e Lacan não devem ficar isolados, fechados e solitários. Não cabe a uma Escola apenas doutrinar, citar nomes outros para repeti-los, fetichizando a técnica – isso vem acontecendo em prejuízo da psicanálise. É preciso cada um por de si. Escola é lugar de discutir sobre as incidências do Outro social sobre a subjetividade, abrindo à falta de saber, à análise pessoal, ao saber teórico, ao controle e à escritura - esse importante quarto nó do enlaçamento que sustenta o desejo do analista. É preciso estar à altura dos desafios do nosso tempo e não recuar diante do mal-estar que é de estrutura.

Tampouco precisamos inventar novas estruturas para os sintomas atuais e seus novos modelos de sofrimento. Precisamos saber ler a letra que cifra o real do Gozo e possibilita o sintoma. É preciso falar da experiência resultante da própria análise, das análises que cada um conduz e da experiência de Escola e seus dispositivos fundamentais como o Cartel, o Passe, o Seminário, a investigação, a produção e a relação com os outros. É preciso contar, teorizar sobre o que se está a fazer para continuar a sua formação de analista, como se está a “ler” a clínica que se pratica, para colocar em jogo a lógica da incompletude que é a lógica da castração - nome do laço social e única forma de articular a psicanálise em intenção com a extensão de modo que resulte em transmissão. É preciso sustentar a transferência de trabalho sob a forma de conjunto aberto, construído com outros. Cada um é analisante de sua própria prática e é dela que resulta a teoria.

Uma Escola é uma comunidade de experiência e a experiência é o conhecimento da teoria, mas é também e essencialmente a análise pessoal, a análise de controle, as experiências das análises que se conduz na prática analítica – onde cada analisante ensina ao analista o que possibilita reinventar a psicanálise – mais ainda a experiência do passe e o laço social com outros analistas. Reinventar a psicanálise é um



imperativo para mantê-la viva na cultura. Não se transmite experiência - cada um tem a sua - o que se transmite é o desejo, que é sempre singular. “O analista deve estar à altura dos desafios da sua época”, disse Lacan. O sujeito moderno funda sua existência na busca de um objeto que obture a falta estrutural. O inconsciente não cessa de não escrever o encontro faltoso.

Vivemos num mundo de continua mudança. Há algo que muda, que não para de mudar e algo que não muda, que não pára de não mudar. É da estrutura da linguagem. Diante das múltiplas formas das relações com o Outro reconhecemos as diversas formas de apresentações clínicas - os modos de sofrimentos apresentados pelos sintomas e os modos de gozo que confirmam as estruturam subjetivas: Neurose Psicose e perversão com suas variantes, conforme Freud e Lacan as descreveram. Atualmente somos governados por formulas matemáticas, formulas políticas, econômicas e tecnológicas que tentam obturar a inexistência da relação sexual forcluindo o sujeito do inconsciente. Mediar é um ato médico, mas a medicalização da vida tornou-se um problema político de primeira ordem.

O abandono do modelo da psicogênese pela psiquiatria e sua redução à psiquiatria biológica da classificação das condutas (conformes os catálogos no DSM-V e do CID-10) e da supressão de sintomas, tenta reduzir o ser falante à um circuito neuronal e o desejo à mera secreção química. A cada dia mais fatos da vida humana passam a ser considerados patologias à mediar, da infância à velhice. Cada vez mais vemos o avanço de discursos pseudocientíficos denominados “neurociências”, enunciando novas proposições para “fazer existir o objeto” que tampone a falta e suprima o desamparo existencial. Para cada sofrimento uma droga correspondente: depressão, fluoxetina; Transtorno de aprendizagem com déficit de atenção, Ritalina, Benzodiazepina, Lorazepam; crises de angústias e ansiedades, Rivotril, Clonazepam, etc... etc...

Sabemos que reduzir o pensamento à um circuito neuronal e o desejo à uma mera secreção química leva sempre ao pior, leva à condição de toxicômano como defesa à dor de existir e curto-circuito com o gozo mortífero da pulsão de morte. Precisamos garantir a palavra àquele que quer falar de seu sofrimento como resposta singular à sua dor de existir. É preciso falar e é preciso ouvir o que falar quer dizer, senão não há leitura nem interpretação possível para que o sujeito possa se entender com o seu sintoma. Essa é



mais uma razão para fazer Escola, porque mesmo para os analistas, “restabelecer o fio cortante da verdade freudiana” diante do mal-estar generalizado não é sem o outro e as vezes, pode parecer difícil e desanimador. Freud jamais recuava diante dos preconceitos de sua época.

A psicanálise aponta para que a falta se constitua em causa do desejo, e nos convoca a não retroceder da castração e a saber-fazer com a ela. O ensino da psicanálise nos interroga continuamente. A psicanálise nos ensina acerca do não-todo. O futuro da psicanálise depende de que os seus descobrimentos e sua reinvenção não terminem, não se fechem, tanto o descobrimento freudiano do inconsciente quanto a invenção lacaniana do real. Mas não há transmissão sem análise até o seu final, mais o Passe e o Laço Social dos Analistas em Comunidade de Experiência chamada Escola. Não se ensina a psicanálise na Universidade, pois não se trata de uma teoria para ser aplicada. Nem Freud e nem Lacan escreveram uma teoria para ser aplicada. Por isso o ensino da psicanálise na Universidade constitui um grande problema. No modelo capitalista o saber é mercadoria que se compra e vende. A “psicanálise” na universidade é uma teoria como tantas outras, é o Discurso da Universidade sob a forma de "disciplina", especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado... mas não forma analista. Esse resulta de um analisante. Somente uma análise faz um analista, somente o ato analítico faz ensino. Não há ensino de psicanálise sem a demanda de um analisante à um analista, sem o ato analítico, sem a experiência de analisar-se.

Todavia, falar de psicanálise na universidade, ler Freud, Lacan e suas clínicas sabemos que desperta o desejo de alguns e os leva a aproximar-se da Escola. Porque não pode acontecer na Universidade algo da ordem da psicanálise de extensão como desejou Freud? Não há analista sem experiência de análise. Não há analista sem análise e nem análise sem analista. Não há analista sem escola e nem escola sem analista. Uma Escola é uma comunidade de experiência, disse Lacan na Proposição de 1967, onde estabeleceu os dispositivos fundamentais como o Cartel, os Seminários e o Passe, destacando como o centro da formação a análise do analista, junto à tarefa clínica da investigação, da produção e da relação aos outros.

## **Teorizar a prática ou Da formação dos analistas. - Parte II**

Por que se analisar? Para dar conta da existência. Viver não é existir. A análise é o enfrentamento do sujeito com a falta. É a resolução do desamparo e da questão da morte – realidade da condição humana e causa da relação com os outros. Nisso cada um só pode contar consigo mesmo, não há ninguém que possa ajudá-lo – questão de fim de análise. Passa um tempo até dar-se conta de que se perdeu a posição de sujeito-objeto no fantasma. É preciso abrir-se à dimensão da falta para sair da mestria que tampona o real da psicanálise. É preciso dar conta de se haver com isso para que haja queda do Sujeito suposto Saber e conseqüente encontro com a falta – um dos nomes do final de análise. Senão, resta “agarrar-se” ao discurso do mestre e ao exercício da mestria, como muitos fazem em nosso meio.

É possível fazer Escola, conduzir análises, sustentar o laço social com os outros sem dar conta disso? Não é essa uma das causas do mal-estar nas Escolas? O analista se autoriza de si mesmo e de alguns outros, disse Lacan. Dizer banalizado, pois “autorizar-se de si mesmo” não é uma “autorização do eu”, e sim do “si mesmo”. A cura é um processo lógico que tem um fim mas nem toda análise é levada ao seu fim. É do analisante que resulta o analista, mas os analistas, em geral, iniciamos a nossa prática antes desse momento de passagem de analisante à analista que Lacan situa no final da análise. Na Proposição de 1967, Lacan afirma “No começo da análise está a transferência.” A transferência de final de análise se transforma em transferência com a psicanálise, e passa a operar como desejo do analista possibilitando novas formas de laços sociais, sendo a Escola um deles. O fim da análise pode resultar na experiência da emergência do desejo do analista.

A reinvenção da psicanálise se reconhece no dispositivo do Passe. Desde o início da análise se adquire uma experiência de uma nova forma de laço social e que no final torna-se compromisso assumido com a psicanálise e sua transmissão enquanto experiência do Real. No final da análise ocorre a identificação ao sintoma – nova forma de enlaçamento borromeano – e elaboração de um luto “melancólico” que resulta em entusiasmo, “trabalho criativo”, nome do novo amor. A transferência que resta possibilita o laço social conforme os quatro discursos. Única forma de manter a psicanálise presente na cultura. A destituição do Sujeito suposto Saber abre para o laço social e revela a impossibilidade da Escola ser única e endogâmica.

Ora, isso não é da ordem da contingência, é determinado pela estrutura da linguagem. Idealizar as questões cruciais da psicanálise é querer "tapar o sol com a peneira", é querer cobrir o Real com o Simbólico. É preciso por à trabalhar o que aparece como mal-estar na Escola. Não há psicanalista sem a experiência da sua própria análise, por isso cada um tem o dever ético de minimizar as cargas imaginárias que reinstituem o Sujeito suposto Saber e sustentar a castração, fazendo circular a palavra que faz falta no Outro. Fazer escola é lidar com a precariedade e com a incompletude da falta. O discurso analisante ensina que a verdade fala e que falar é um ato que tem consequências.

A escola é um lugar para que a palavra circule e os implicados nela ocupem os seus lugares na castração – circular é fazer borda, é o compromisso de cada um manter-se animado com a própria palavra que bordeia o real. O fim de análise é a passagem de analisante à analista, consequente da destituição do Sujeito suposto Saber. É a dissolução do Outro pelo reconhecimento da sua incompletude, devido ao fato de que se foi além do sintoma em si, alcançando uma condição discursiva singular que habilita o analisante a exercer a função de analista independentemente de vir a exercer ou não, disse Lacan. É quando a experiência do inconsciente ensinou saber fazer com o sintoma, com o desejo, o amor e o gozo num significante novo, para amar e trabalhar, nome do fazer-saber-fazer-com-a-falta, nome laço social.

O fim da análise é a passagem da incompletude do Inconsciente ao limite do real. Muitas análises se interrompem antes do fim. Pode-se considerar que houve análise? Uma análise interrompida não geraria uma posição de inibição, comprometendo a direção cura? Qual é o discurso que sustenta alguém que pratica a análise e que ainda não concluiu a sua análise? Seria o discurso analítico? Um convite para retomar a análise e conduzi-la até seu final.